CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
17 e 26 de Maio de 2025

GOD'S GIFT TO WOMEN / 1931

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Joseph Jackson e Raymond Griffith, baseado numa pela teatral de Jane Hinton / Fotografia: Robert Kurrle / Direcção Artística: Robert Haas / Guarda-Roupa: Earl Luick / Montagem: James Gibbon / Música: Leroy Shield e Leo Forbstein / Interpretação: Frank Fay (Toto Duryea), Laura La Plante (Diane Churchill), Joan Blondell (Fifi), Charles Winninger (John Churchill), Alan Mowbray (Auguste), Yola d'Avril (Dagmar), Louise Brooks (Florine), Margaret Livingston (Tanya Donaliff), Arthur Carewe (Louis Dumont), Billy House (Monsenhor), etc.

Produção: Warner Brothers / Cópia: digital (DCP), preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 72 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

***

***Aviso**: por razões que nos foi impossível apurar, algures na cadeia de trabalho do processo digital de concepção do DCP que vamos ver o formato (o "aspect ratio") do filme foi convertido para 1:66 (um formato que nos anos 1930 ainda não era usado), em vez do 1:37 que era típico dos filmes sonoros dos primeiros anos e que era também o "aspect ratio" original de **God's Gift to Women**. Vamos exibi-lo nesse formato – até porque qualquer tentativa de "adaptação" ao 1:37 resulta em cortes na imagem – mas deixando a ressalva de se tratar de uma distorção das proporções de imagem originais.*

***

Infelizmente, não foi mesmo possível apresentar um texto original sobre **God's Gift to Women**. Para ajudar a entender o enquadramento do filme no contexto da obra de Michael Curtiz, traduzimos algumas passagens da monografia que o crítico e historiador espanhol Pablo Mérida dedicou ao cineasta (Ed. Catédra, 1996):

(…) Meses depois de ter tocado a glória com **Mammy,** Michael Curtiz conheceu o amargo sabor do fracasso com **A Soldier's Plaything**, um naufrágio de proporções consideráveis que ele não voltaria a conhecer até aos anos 1950. A partir de 1931, a indústria cinematográfica norte-americana começou a ver-se seriamente afectada pela crise económica. Alguns estúdios, como a Paramount, estiveram à beira da ruína. Para se salvar, a Warner Bros. iniciou uma política de ajustes económicos e lançou-se na produção massiva dos chamados *programmers,* filmes curtos e baratos que se estreavam em programas duplos. (…) Antes de se lançar na realização de *programmers*, Curtiz recebeu um encargo muito típico da época: realizar versões para o estrangeiro. Desde o nascimento do sonoro e até que se universalizasse o sistema de dobragem, os estúdios faziam versões dos seus filmes em idiomas distintos para as estrear pelo mundo fora. Ao cineasta tocou encarregar-se da versão alemã de **Moby Dick,** de Lloyd Bacon, seguindo

o clássico livro de Herman Melville. (…) A rodagem durou mais do que o normal, já que se tiveram que filmar vários planos em alto mar, e o resultado, segundo parece, foi muito bom, mas não se conservou nenhuma cópia do filme para se poder atestá-lo. A crise económica obrigou os Warners a despedir 900 dos seus empregados e a reduzir os salários entre os 20 e os 30 por cento. (…) No meio deste panorama tão revolto, Curtiz viu-se obrigado a dirigir outra vez o seu "querido" Frank Fay em *God's Gift to Women*, um fracasso que também acabou de vez como estrelato do actor. (…) Actor que, no entanto, se via aqui rodeado de um bem nutrido grupo de belezas, em que se destacam Joan Blondell e a mítica Louise Brooks. O título de trabalho do filme foi *The Devil was Sick*. E o resultado, muito mau.